

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS – LICENCIATURA

GIOVANA BERNARDES

**ENTRE SABERES E DISCURSOS: PERCEPÇÕES DE GRADUANDOS SOBRE A
CRISE CLIMÁTICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

SÃO CARLOS/SP

2025

GIOVANA BERNARDES

**ENTRE SABERES E DISCURSOS: PERCEPÇÕES DE GRADUANDOS SOBRE A
CRISE CLIMÁTICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências
Biológicas – Licenciatura, proposto pela
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar,
para a conclusão do curso de Licenciatura em
Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mariana dos Santos

SÃO CARLOS/SP

2025

AGRADECIMENTOS

São tantas coisas a se mencionar nessa parte e espero compreender grande parte delas. Gostaria de iniciar dizendo que foi um trabalho desafiador, o qual me fez duvidar de mim, como pessoa e profissional, me cobrei muito, por fazer algo de que eu sentisse orgulho e não decepcionasse nem a mim, nem a quem eu amo. Muitas dessas vezes, me agarrei à minha fé, que fui redescobrendo ao longo desse período e me reconectei ainda mais com Deus. Portanto, agradeço à Ele, primeiramente, por ter me dado forças para continuar e não desistir de tudo.

Pensando em tudo o que vivi nesses últimos anos e o que passei pra chegar até aqui, concluo que nada disso seria possível sem meus pais, que se dedicaram tanto à minha criação, que sempre estiveram presentes, mesmo nas dificuldades, no início de tudo. Mamãe (Cibele) e Papai (José), obrigada por terem feito mais do que podiam, por não medir esforços para que eu pudesse realizar meus sonhos e ser feliz. Mesmo sabendo que nada do que eu faça será capaz de retribuir toda minha gratidão e amor por vocês, espero lhes dar muito orgulho!

Acredito que a parte mais difícil de deixar sua casa para morar em uma cidade completamente nova, com pessoas novas e uma vida nova, é deixar quem você mais ama para trás e ter que abandonar o convívio diário, que antes era normal. Sinto falta da minha irmã todos os dias, de dividir o quarto, as risadas, os dias difíceis... obrigada por me dar forças e ser meu porto seguro! Você faz com que eu queira ser uma pessoa melhor a cada dia, um exemplo pra ti, alguém que se inspire. Amanda, você é minha pessoa preferida no mundo e não imagina o quanto faz por mim! Não posso deixar de mencionar o Jack, o cachorrinho que melhora nossos dias, que me acalma e é um ótimo companheiro. Os dias ao longo desses anos, sem sua alegria diária, não foram os mesmos.

Sou uma pessoa muito ligada à família e tenho certeza que sem esse pilar, eu não estaria aqui. Agradeço às minhas avós Ivani e Lusia, que tiveram grande significância na minha criação, cuidaram de mim quando meus pais não podiam, com muito amor e carinho. Agradeço aos meus avôs (Zé e Zezão), tios (Thiago, Junior, Luís Augusto e Cristiano), tias (Danielle, Fabiana, Marilyn e Liliane), madrinha (Luciana), padrinho (Marciano) e primos (José Guilherme, Luiz Gustavo, Pedro, Davi, Murilo e Vinícius), que sempre acreditaram em mim, me ouviram e me encorajaram. Àqueles que não estão mais entre nós, espero que estejam acompanhando tudo isso, gostaria de poder compartilhar minhas conquistas com vocês também. Especialmente ao meu avô Zé, sinto sua falta e queria que o senhor estivesse aqui nesse momento tão importante.

Agradeço aos meus amigos, que estiveram comigo desde o início da graduação,

compartilhando tantos momentos, desde as aulas teóricas, práticas, até nas festas e comemorações de fim de semestre. Emily, Maria Fernanda, Lívia, Raquel, Mabi, Tantri, Beto, Ana Nery, Julia, Daniel, Augusto, André e Guilherme, obrigada por estarem presentes e dividirem comigo a melhor época da minha vida, sem dúvidas foi muito mais leve e memorável com a companhia de vocês e espero que possamos nos manter unidos, mesmo após a formação, que o “Agradar à Tantri” e seus agregados sempre viva! À minha família do 303, o que seria de mim sem vocês? Essas meninas transformam o dia-a-dia em algo único, cada abraço, lágrima, gargalhada, brincadeiras, tudo é parte de mim, impossível esquecer! São tantas lembranças vividas com vocês, tantas mudanças pelas quais passamos, principalmente como pessoas, sinto muito orgulho de ver o quanto evoluímos juntas, uma sempre apoiando a outra, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença. Fer, Fefa e Ju, vocês foram essenciais, principalmente nessa etapa, então quero agradecer, de todo o meu coração, por todo o apoio, carinho e incentivo! Como eu gostaria de poder morar para sempre com vocês, minhas irmãs!

Não posso deixar de mencionar os físico-amigos, Milho, Lourdes, Ivan, Yuji, Vitor e, principalmente, o Vinícius (Fire) que me ajudou tanto na construção desse trabalho, me orientando em alguns passos. Obrigada pelos conselhos, paciência e parceria, dividir a Educação contigo é um privilégio. Aos meus amigos de laboratório, Julia, Khayyam e Raul, vocês tornaram os dias no DCF mais divertidos, obrigada pelo apoio de sempre, por permanecerem perto e apresentarem a Kamilly e o Vinícius, que tiveram um papel muito importante nessa pesquisa. Se tem uma coisa que sou muito sortuda e grata é pelos amigos e pessoas que conheci ao longo do caminho, de vários núcleos e cursos diferentes, que obviamente não vou conseguir citar todos os nomes, mas tiveram sua significância em minha jornada. Cada um de vocês faz parte de mim agora e sou imensamente grata por ter conhecido pessoas tão especiais, do seu jeitinho, que me cativaram de uma forma inexplicável.

Também não posso deixar de agradecer aos participantes que aceitaram contribuir para com a minha pesquisa, sem vocês nada disso seria possível! Aos meus amigos, colegas e pessoas desconhecidas de todos os cursos escolhidos, que infelizmente não posso citar nomes devido à questões éticas, muito obrigada pela ajuda e disponibilidade. Cada relato foi crucial para construir as análises e enriquecer os resultados, esclarecendo muitos pontos abordados e questionados pelo estudo. Posso dizer que me sinto realizada e orgulhosa do rumo que este presente trabalho seguiu, depois de passar por tantos obstáculos e dificuldades. Espero que possa servir de inspiração para outros futuros.

Agradeço também à minha orientadora, Mariana, por toda a paciência e cuidado

comigo, durante a confecção deste trabalho, sempre se mostrando solícita em ajudar e contribuir para a minha formação. Sempre tive um grande apreço pelos meus professores, e na graduação não seria diferente. Todos tiveram sua importância e deixaram sua marca registrada em mim. Obrigada por tantos ensinamentos e trocas, tantas vivências ímpares, que contribuíram para uma formação de que me orgulho. Sei que estou no caminho certo, vocês me ajudaram a enxergar isso e pretendo continuar trilhando minha vida profissional levando tudo o que aprendi. Um agradecimento especial aos docentes das disciplinas de licenciatura, que se mostraram mais do que educadores, foram amigos, conselheiros, mestres, mostraram que vale a pena sim investir e persistir na Educação, com amor e dedicação. Sou extremamente grata por todas as oportunidades e vivências que a graduação me proporcionou, definitivamente evoluí muito como pessoa e profissional, pretendo continuar seguindo por essa estrada encantadora e deslumbrante.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que passaram pela minha vida até o presente momento. As que permanecem, as que por algum motivo partiram, as que estão comigo desde quando nasci, as que chegaram há pouco tempo. O que sou hoje, é resultado de cada uma das experiências que tive, cada um deixou um pouco de si comigo e espero deixar um pouco de mim em cada um de vocês também.

O meu mais sincero obrigada!

RESUMO

Este trabalho investiga a percepção de graduandos e recém-formados da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) sobre a crise climática e a Educação Ambiental, analisando como esses temas são abordados em sua formação acadêmica e qual seu impacto na conscientização e atuação profissional. A pesquisa buscou compreender as tensões entre desenvolvimento, justiça social e sustentabilidade na perspectiva dos estudantes, por meio de entrevistas semiestruturadas com 10 participantes de cursos variados (incluindo áreas ambientais e não ambientais). Utilizando-se da metodologia de Análise Textual Discursiva (ATD), foram elaboradas unidades de significado que melhor representavam as ideias compartilhadas pelos participantes, cruciais para a posterior construção de um metatexto. Com a análise dos dados, identificou-se que, embora haja consciência sobre a gravidade da crise climática, predominam sentimentos de desesperança e impotência, agravados pela percepção de inação política e pela dificuldade em enxergar soluções efetivas no cenário atual. A Ecoansiedade - mal-estar psicológico gerado pela degradação ambiental - emergiu como um fenômeno relevante, mesmo que pouco nomeado pelos entrevistados. Quanto à formação acadêmica, os resultados apontam para uma abordagem insuficiente da Educação Ambiental nos currículos, mesmo em cursos diretamente relacionados à área, onde os participantes destacaram a importância de integrar a temática de forma transversal, articulando-a com suas realidades profissionais e sociais. A pesquisa conclui que, embora exista um reconhecimento da urgência climática, há uma lacuna entre a conscientização e a ação prática, tanto no âmbito individual quanto institucional. A universidade, como espaço de formação crítica, tem o potencial de promover mudanças, mas precisa repensar seu currículo para enfrentar os desafios socioambientais do século XXI. Recomenda-se, para estudos futuros, uma análise mais aprofundada sobre a ambientalização curricular e os impactos da Ecoansiedade na mobilização coletiva.

Palavras-chave: Crise climática; Educação Ambiental; Ambientalização Curricular; Ecoansiedade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	8
2. OBJETIVOS.....	11
3.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PERSPECTIVA CTSA	12
3.2 CRISE CLIMÁTICA E ECOANSIEDADE	14
4. METODOLOGIA DA PESQUISA	16
5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	20
5.1 PERCEPÇÕES SOBRE A CRISE CLIMÁTICA	20
5.2 ECOANSIEDADE: MANIFESTAÇÕES E IMPACTOS PSICOSSOCIAIS	23
5.3 FORMAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL.....	25
5.4 DESAFIOS E POSSÍVEIS ALTERNATIVAS PARA CONSCIENTIZAÇÃO	28
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
7. REFERÊNCIAS	32
APÊNDICE I.....	36

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Rachel Carson, em seu livro *Primavera Silenciosa*, aborda questões como o uso indiscriminado de agrotóxicos, ainda muito utilizados pelo agronegócio no mundo todo, com o intuito de mostrar as possíveis consequências que podem vir a acontecer, incluindo o comprometimento da biodiversidade. Ao finalizar o capítulo 13, *Através de uma janela estreita*, a autora faz a seguinte reflexão: “Não será este um preço excessivamente elevado, para se pagar por uma batata não germinada, ou por um pátio inteiramente limpo de mosquitos?” (Rachel Carson, 1962, p.223). São indagações como essa que são geradas nas pessoas a partir do momento que se trabalha a Educação Ambiental no contexto de vida de uma comunidade. Entretanto, o caminho não é tão fácil quanto parece.

Apesar da obra ter sido criada na década de 60, não houveram mudanças significativas quanto à conservação e preservação da natureza. Um exemplo simples e palpável é a atual situação do Brasil, que vem sofrendo com uma grande onda de queimadas, atingindo biomas inteiros, como a Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal, ocasionando na destruição de fauna e flora, colocando em risco a biodiversidade de um país que é tão única e vasta. Quase a totalidade dos focos de incêndio são criminais e provocados, em sua maioria, pelo agronegócio, responsável pelo desmatamento desenfreado, além da crise climática (Lucas Ferrante, CNN, 2024), sendo contabilizados aproximadamente 185 mil focos apenas no ano de 2024, 49,9% localizados na Amazônia (INPE, 2024), o que explica cerca de 60% do território nacional estar coberto por fumaça e fuligem, decorrente dos rios voadores (INPE, 2024).

Sendo assim, onde entra a Educação Ambiental nesse contexto? Entende-se por Educação Ambiental todos os processos educacionais que, individuais ou coletivos, procuram construir valores sociais, habilidades, conhecimentos e atitudes focados em conservar o meio ambiente, com ideais sustentáveis, visando uma boa qualidade de vida à sociedade (Política Nacional de Ensino Ambiental, 1999). Seus objetivos baseiam-se na compreensão dos conceitos de sustentabilidade, meio ambiente, conservação e preservação, juntamente com diversas temáticas, com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento e fortalecimento da cidadania consciente e crítica.

Quando retratamos a Educação Ambiental no ambiente escolar, envolvemos diversos aspectos, sendo eles pessoais/individuais, sociais, educacionais e ambientais. A escola e demais instituições de ensino, auxiliam de forma direta na formação de valores e atitudes dos

estudantes relacionados à sustentabilidade e desenvolvimento de melhores relações com a natureza. Em concordância com Tozoni-Reis e Janke (2008), a escola é um mediador de extrema importância entre os educandos e o saber histórico social, auxiliando no entendimento de que mudanças sociais são possíveis e, inclusive, possibilita que sejam agentes transformadores.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (DCNEA), situadas no documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCNEB) de 2013, é importante que o exercício da Educação Ambiental nas escolas envolva:

[...] projetos e atividades, inclusive artísticas e lúdicas, que valorizem o sentido de pertencimento dos seres humanos à natureza, a diversidade dos seres vivos, as diferentes culturas locais, a tradição oral, entre outras, inclusive desenvolvidas em espaços nos quais os estudantes se identifiquem como integrantes da natureza, estimulando a percepção do meio ambiente como fundamental para o exercício da cidadania (^{BRASIL, 2013} p. 553).

Do ponto de vista acadêmico, sua relevância se dá por meio da interação existente entre as diferentes disciplinas presentes no currículo escolar e a Educação Ambiental, já que as possibilidades de relacioná-los são inúmeras, seja por meio da área de exatas, humanas ou biológicas. Ao compasso que as práticas de atividades variadas vão acontecendo, há o estímulo da criatividade das crianças e jovens, promovendo a elaboração de novos conceitos, adquirindo novos conhecimentos, desenvolvendo habilidades únicas em cada um deles.

Em um dos mais importantes documentos existentes quando se trata de Educação no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pode-se observar o tema da sustentabilidade mencionado algumas vezes, principalmente nas habilidades em Ciências da Natureza, porém, já o termo “Educação Ambiental” é pouco encontrado. É possível elencar este tema em qualquer área de ensino, pois se relaciona com praticamente tudo o que vivenciamos no dia a dia. Dessa forma, quando se trata de currículo, o regulamento afirma que:

[...] cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esfera de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: direitos das crianças e adolescentes (Lei nº 8.069/199012), educação para o trânsito (Lei nº 9.503/199713), **preservação do meio ambiente (Lei nº 9.795/199914)**, educação alimentar e nutricional (Lei nº 11.947/200915) [...] (BNCC, 2017).

No contexto social a relevância da Educação Ambiental se torna maior, é mais ampla e abrange vários aspectos. Primeiramente, o cuidado com o planeta e tudo o que há ao nosso redor é despertado e se faz presente no cotidiano desses estudantes, seja pela atitude de jogar o lixo corretamente, não desperdiçar aquilo que pode ter outra finalidade, a substituição de algumas coisas por outras menos impactantes, até ativações para conscientizar uma comunidade sobre os riscos que os biomas estão sujeitos ou o que fazer para ajudar na conservação da biodiversidade. Outra questão é a oportunidade de ter uma melhor qualidade de vida, aprimorar a conexão do ser humano com a natureza, sempre buscando opções favoráveis aos dois lados, sentir que você faz parte disso tudo e que tem total influência, portanto, deve cuidar. Além disso, um aspecto que se destaca é a cidadania, que é lapidada com cautela, a fim de formar um indivíduo participativo, crítico e responsável com as questões socioambientais.

De acordo com Santos e Toschi (2015), a Educação Ambiental é uma vertente que vem se tornando cada vez mais importante com o passar do tempo, sendo que atitudes acumuladas pela humanidade ao longo dos anos ocasionaram e ainda ocasionam muitos problemas ao meio ambiente e, conseqüentemente, acaba interferindo nos organismos existentes. É notável que ela vem ganhando cada vez mais espaço tanto no currículo escolar, quanto no dia a dia das pessoas, mas será que as ações estão sendo efetivas? Afinal de contas, o que é abordado pela Educação Ambiental e como propagar seus princípios de maneira eficaz para além do ambiente escolar?

As crises ambientais, principalmente a crise climática, têm sido não somente ignoradas, mas também encobertas e mascaradas pelo capitalismo, através de suas grandes empresas e políticos. Nesse sentido, a Educação Ambiental é um caminho acessível para lidar com as crises ambientais, podendo ter o papel de auxiliar no conhecimento sobre o que está acontecendo no mundo como um todo, por meio de abordagens, seja no ambiente escolar, educacional ou fora dele, como em sites ou redes sociais.

Trabalhos como os de Da Costa e Gomes (2017) e Brandão, Santos e Souza (2018), demonstram a dificuldade encontrada por professores em realizar abordagens referentes à Educação Ambiental nas escolas. Como analisado por Brandão, Santos e Souza (2018), “O estudo demonstra que a concepção dos professores de ciências e alunos estudados é, em sua

maioria, de vertente conservadora, não provocando a necessária reflexão sobre as complexas questões socioambientais de nosso tempo”.

Em consonância com essa pesquisa, os dados obtidos por Da Costa e Gomes (2017) indicaram uma visualização compartimentalizada da Educação Ambiental em apenas uma disciplina, por parte da maioria dos professores de ciências entrevistados. Em seus estudos, Aparecida Silva de Aquino e Iared (2023) reforçam “o desmonte de políticas socioambientais e abordam os desafios que a educação ambiental enfrenta após a publicação da BNCC”.

Partindo desses pontos apresentados, as principais questões que motivaram o desenvolvimento dessa pesquisa foram indicativos de uma certa deficiência da abordagem de Educação Ambiental no ambiente acadêmico, ao buscar referências que mostrassem como essa temática tem sido trabalhada, encontrando também uma possível lacuna quando se trata do ambiente escolar. Como se dá o acesso dos estudantes à Educação Ambiental na formação inicial? Se é um assunto já presente na BNCC, que deve ser trabalhado na Educação Básica, por que não ser mais explorado também no Ensino Superior? Qual a consequência de não ter disciplinas com essa temática na graduação? O quanto pode afetar o profissional a exercer sua profissão? Será que os profissionais, principalmente educadores, se sentem preparados para lidar com esses assuntos e transmitir de uma maneira eficiente?

Acredita-se que, como preocupação para a geração que irá se formar e exercer sua profissão na sociedade, é necessário levantar a concepção desses estudantes, a fim de entender se consideram ou não necessário implementar disciplinas de Educação Ambiental e suas temáticas em cursos além da área ambiental. É interessante buscar formar pessoas e profissionais que tenham esse olhar voltado para o meio ambiente, sua conservação e tudo o que está correlacionado, não deixando de estimular a visão crítica. Como esses estudantes se sentem em relação às crises ambientais, à crise climática? Quais suas percepções?

2. OBJETIVOS

2.1 GERAL

- Investigar a percepção de alunos e ex-alunos de graduação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) com relação à crise climática e Educação Ambiental.

2.2 ESPECÍFICOS

- Analisar a perspectiva de graduandos e profissionais recém formados da UFSCar que têm ou tiveram contato com a temática durante as disciplinas de seus cursos.
- Verificar a percepção sobre problemas atuais relacionados à crise climática, como a ecoansiedade, nas falas dos estudantes e ex-estudantes entrevistados.
- Evidenciar possíveis lacunas na compreensão dos estudantes e ex-estudantes sobre problemas ambientais.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PERSPECTIVA CTSA

A Educação Ambiental, como afirma Santos e Toschi (2015) em seu trabalho, surgiu em 1965 em um contexto de preocupação com os recursos naturais, sendo instituída no Brasil apenas na década de 1980. Esta prática educativa possuía enfoque estritamente ambiental, mas ao longo dos anos foram desenvolvidas outras vertentes, podendo-se considerar três tendências principais: conservacionista, pragmática e crítica, diferenciando-se principalmente por seus objetivos relacionados ao meio ambiente e à sociedade.

O presente trabalho teve como maior referência a Educação Ambiental crítica, sinônimo de transformadora, que objetiva mudanças para uma criação de uma nova sociedade, uma vez que é totalmente contra o sistema capitalista vigente. De acordo com Santos e Toschi (2015), essa vertente foi alimentada por paradigmas freirianos, marxistas e neomarxistas, defendendo a importância da inclusão de debates acerca de ideias político-ideológicas do sistema de reprodução social e a interação sociocultural entre o ser humano e a natureza. Diferente das outras duas, que são comportamentalistas e individualistas, tal vertente vai além do objetivo de sensibilizar as pessoas, como a conservacionista, e de mudar apenas alguns setores da sociedade, sem interferência do mercado e mudanças estruturais no sistema atual, como a pragmática.

Desde as décadas de 60 e 70 até os dias de hoje, as propostas de inovação curricular dos diferentes níveis de ensino, envolvendo a Educação Ambiental e a Educação na perspectiva das relações Ciência, Tecnologia e Sociedade, vêm buscando compreender mudanças tanto nas proposições temáticas quanto nos princípios metodológicos. Contudo, não é comum essas duas perspectivas integrarem as práticas de investigação e de ação educativa, deixando a impressão de que são incompatíveis entre si, com núcleos diferentes e

separados, o que pode ser explicado pela maneira que foram construídos, principalmente no contexto brasileiro (Farias e Freitas, 2007).

A perspectiva CTSA vêm ganhando espaço com o tempo, tendo como um evento marcante a Conferência Intergovernamental de Tbilisi, realizada em 1977, pela UNESCO em conjunto com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), onde decretou-se a urgência de dirigir todos os esforços e recursos possíveis para a questão ambiental, destacando a função instrumental da ciência e tecnologia. Pontuou-se também que a Educação Ambiental não se restringiria apenas a aspectos biológicos e físicos dos problemas ambientais, trataria também questões econômicas, sociais e culturais, destacando o quanto todas essas áreas estão ligadas e se correlacionam, não existindo isoladamente (Farias e Freitas, 2007).

Dessa maneira, assim como fora elencado na década de 70, as relações entre sociedade, tecnologia, ciência e ambiente, não podem ser trabalhadas de maneira isolada, pois tudo se relaciona e está interligado, incluindo no ambiente escolar, dentro de disciplinas do currículo. A inclusão de temáticas ambientais no espaço das estruturas das disciplinas escolares tradicionais e adaptações em conteúdos de diversas matérias, têm sido ressaltadas após a Conferência, a fim de implementar um currículo com perspectiva holística, visando a construção de competências, conhecimentos, atitudes e valores ambientais (UNESCO,1998).

A Educação Ambiental, ao invés de responsabilizar individualmente da maneira clássica de “cada um faz a sua parte”, estimula o educando a interagir com os processos democráticos na construção de direitos humanos e na limitação da opressão ambiental. Além disso, estimula o senso de pertencimento local e envolvimento comunitário, fugindo do aspecto genérico, buscando inserir em situações de injustiça socioambiental, a fim de obter um engajamento ativo na mobilização em defesa do que está sendo ameaçado (Layrargues e Puggian, 2018).

Tendo conhecimento de todas essas relações e perspectivas, surge a estratégia da resolução de problemas ambientais locais, buscando uma aproximação entre os processos educativos e a realidade em que os educandos estão inseridos. Assim, ao invés de trabalhar questões globais e distantes da realidade do indivíduo, devem ser priorizados problemas locais que afetam as comunidades em que os estudantes estão inseridos (Layrargues, 1997). A Educação Ambiental, assim como outras áreas, deve ser palpável e fazer sentido para as pessoas, estimulando o pensamento crítico, como exposto no trecho:

É neste contexto que o Centre for Educational Research and Innovation (1995) julga

que valer-se do contexto local como uma ferramenta para a educação ambiental permite o desenvolvimento da qualidade dinâmica nos educandos, despertando o sentimento da visão crítica e da responsabilidade social, vitais para a formação da cidadania (Layrargues, 1997, p. 2).

3.2 CRISE CLIMÁTICA E ECOANSIEDADE

Dentre tantos exemplos de crises ambientais, a que mais é referenciada e discutida neste trabalho é a crise climática, que tem ocorrido e tomado grandes proporções no mundo todo. A crise climática, reconhecida como uma das mais graves ameaças ao equilíbrio planetário, segundo IPCC (2023), resulta principalmente da intensificação das atividades humanas sobre o meio ambiente. Estudos demonstram que as emissões descontroladas de gases como CO₂ e CH₄, provenientes da queima de combustíveis fósseis e da pecuária intensiva, estão alterando os padrões climáticos em velocidade sem precedentes, de acordo com World Resources Institute (2022). Essas mudanças já se manifestam através do aumento de 1,1°C na temperatura média global desde a era pré-industrial, de acordo com relatório de 2024 divulgado pelo Serviço Copernicus para as Alterações Climáticas (C3S, 2025), com reflexos diretos na frequência e intensidade de eventos extremos.

Paralelamente, a perda acelerada de biodiversidade - com cerca de 1 milhão de espécies em risco de extinção, como afirmado pelo IPBES (2019) - compromete serviços ecossistêmicos essenciais, como polinização e regulação hídrica. Diante desse cenário, organismos internacionais alertam para a janela de apenas 7 anos para manter o aquecimento abaixo de 1,5°C, segundo UNEP (2023), exigindo transformações estruturais nos sistemas produtivos e padrões de consumo. Embora tecnologias de mitigação e adaptação estejam disponíveis, sua implementação em escala global esbarra em desafios políticos e econômicos, particularmente no financiamento climático para nações em desenvolvimento, de acordo com Green Climate Fund (2023), evidenciando a dimensão sistêmica dessa crise civilizatória. Apesar do termo 'mudança climática' descrever esse fenômeno de forma técnica, a expressão 'crise climática' foi adotada para comunicar a urgência da situação e a necessidade de ações imediatas, segundo Guardian (2019).

Em sua pesquisa, Foster, Clark e York (2009), evidenciam como o sistema capitalista global atua simultaneamente como propulsor da degradação ambiental e como estruturador das respostas institucionais à crise ecológica, revelando contradições fundamentais entre os objetivos de acumulação de capital, a promoção da equidade social e a manutenção dos equilíbrios ecológicos. Essas análises destacam que a atual crise ambiental transcende sua dimensão meramente ecológica, configurando-se como uma crise multidimensional que

engloba aspectos econômicos (pela perpetuação de modelos insustentáveis de produção), sociais (pela intensificação das desigualdades) e políticos (pela incapacidade de romper com paradigmas estabelecidos), todos intrinsecamente conectados às bases estruturais do capitalismo globalizado.

São Pedro e Gonzalez (2025), dissertam sobre a questão da atual crise ambiental já ser um fator reconhecidamente impactante sobre a saúde mental das pessoas e o que ela tem gerado na população.

A iminência de catástrofes climáticas, a perda gradativa dos recursos naturais e dos serviços ecossistêmicos e a incerteza da manutenção da vida no planeta tal como a conhecemos são alguns dos fatores que geram emoções como medo, ansiedade e desespero (São Pedro e Gonzalez, 2025).

Em seu artigo, apresentam o termo Ecoansiedade, que é explicado como sendo um mal-estar causado pela crise ambiental, que tornou-se um interesse específico de profissionais da psicologia há menos de duas décadas. São Pedro e Gonzalez (2025) acrescentam que o termo também pode ser referido como ‘luto ecológico’, ‘ecodepressão’, ‘solastalgia’ ou, até mesmo, ‘ansiedade climática’, quando mais relacionado às mudanças climáticas.

Classificada como um tipo de emoção moral, decorrente do cuidado inspirado pela crise ecológica, a ecoansiedade não se caracteriza necessariamente como um quadro patológico e sequer é considerada um transtorno mental. Na verdade, ela pode até agir como força motivadora de condutas pró-ambientais ou, contrariamente, pode atuar como fator paralisante e desmotivador (São Pedro e Gonzalez, 2025).

Ao revisar como a Ecoansiedade é abordada na literatura existente, Coffey et. al (2021) registra uma falta de clareza sobre o conceito do termo, onde afirma que é sobreposto por outros diferentes termos ou que estão relacionados à ansiedade, tristeza, medo, preocupação e desespero. Incita também que alguns autores utilizam palavras ou expressões semelhantes, como ansiedade ambiental e angústia da mudança climática ao invés de Ecoansiedade ou ansiedade ecológica.

Algumas lacunas foram identificadas ao longo do estudo realizado por Coffey et. al (2021), a utilização de apenas métodos quantitativos em estudos empíricos que examinaram a Ecoansiedade, principalmente aqueles de levantamento transversal. Estudos que incorporam delineamentos de métodos mistos não foram encontrados, sendo importantes para

compreender melhor a complexidade dessa questão ecológica e seu impacto no bem-estar emocional e mental.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa é de natureza qualitativa, pois prioriza a coleta de dados descritivos e avança para uma análise que transcende a simples interpretação, incorporando reflexões subjetivas do pesquisador, conforme Bogdan e Biklen (1982) apud Lüdke e André (1986). Essa análise considera não apenas os dados objetivos, mas também dimensões subjetivas - como impressões, especulações, frustrações e pré-concepções dos participantes - que emergem durante o processo investigativo. Tudo isso ocorre em um contexto marcado por uma interação próxima entre o pesquisador e o objeto de estudo.

Esta monografia possui como fonte de dados uma entrevista semiestruturada, contendo oito perguntas (APÊNDICE I), que questiona os 10 participantes sobre suas perspectivas relacionadas à crise climática, Educação Ambiental e formação profissional. Os critérios para a seleção dos cursos e dos participantes, englobam principalmente a relação e a proximidade que os profissionais da área têm com o meio ambiente, além do período do curso em que os participantes se encontram e outros listados adiante.

A Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, foi escolhida por englobar cursos de graduação de diversas áreas do conhecimento, sendo elas: Ciências Biológicas, Ciências Naturais e Exatas, Ciências Humanas, Saúde e Engenharias. Foram selecionados dez cursos, dentre os 45 oferecidos pela UFSCar no campus de São Carlos, utilizando como um dos critérios de seleção a composição da grade curricular de cada um deles, priorizando aquelas que apresentam disciplinas que se relacionam diretamente ou indiretamente, com a temática ambiental.

Cada um dos dez cursos selecionados teve um representante, totalizando assim 10 participantes, que foram convidados a realizar uma entrevista individual, de forma online através da plataforma Google Meets, respondendo às oito perguntas semi-estruturadas, que os questionava sobre suas perspectivas relacionadas à Educação Ambiental e crise climática, além da formação profissional. Os critérios para a seleção dos cursos a serem analisados, englobam principalmente a relação e a proximidade que os profissionais da área têm com o

meio ambiente e o período em que o participante se encontra no curso.

Sinteticamente, a justificativa para a escolha dos cursos que não são da área ambiental, está descrita no quadro abaixo:

Quadro 1 - Relação dos cursos selecionados, disciplinas e justificativa para a entrevista.

Curso	Quantidade de disciplinas relacionadas pelos participantes	Justificativa
Física (Licenciatura) - F	0	Ausência de disciplinas
Engenharia de Materiais - EdM	1 obrigatória	Poucas disciplinas
Engenharia Mecânica - EM	1 obrigatória e 1 optativa	Poucas disciplinas
Gerontologia - G	4 obrigatórias	Único curso da área da saúde que possui disciplinas com tema ambiental
Imagem e Som - IeS	1 optativa	Poucas disciplinas
Pedagogia - P	1 obrigatória	Poucas disciplinas
Química (Licenciatura) - Q	1 obrigatória	Poucas disciplinas

Fonte: Autoria própria.

Os cursos de Licenciatura em Biologia (B), Biotecnologia (BT) e Gestão e Análise Ambiental (GAAM) não se encontram no quadro acima, devido à presença de mais de quatro disciplinas oferecidas na grade curricular do curso ao longo dos períodos letivos, sejam elas obrigatórias ou optativas. No quadro 2, logo abaixo, estão expostas as disciplinas obrigatórias encontradas em alguns dos cursos que, de alguma forma, trabalham a temática ambiental focada no presente estudo. O curso de Imagem e Som (IeS) não está incluído na tabela, pois a disciplina é optativa. Considerando que o curso de Gestão e Análise Ambiental (GAAM), por contemplar mais de 50% de sua matriz curricular composta por disciplinas voltadas às questões ambientais, optou-se por não elencá-las na tabela, por entender que tal inclusão pudesse ser redundante e pouco contributiva para a análise proposta.

Quadro 2 - Relação de cursos e suas disciplinas obrigatórias, seus respectivos códigos e períodos.

Curso	Disciplina	Código	Período
Biologia (Licenciatura) - B	Conceitos e Métodos em Ecologia	32.050-1	1º

	Ecologia das Comunidades I	01.036-7	6º
	Ecologia de Comunidades II	25.025-2	7º
	Metodologia de Ensino de Ciências	19.257-0	7º
	Prática e Pesquisa no Ensino de Ciências Biológicas III	19.222-8	4º
Biotecnologia - BT	Conservação da Biodiversidade para Biotecnologia	550434	6º
Engenharia de Materiais - EdM	Materiais e Ambiente	03.095-3	2º
Engenharia Mecânica - EM	Materiais e Ambiente	03.095-3	5º
Gerontologia - G	Controle de Resíduos	550540	5º
	Educação Ambiental e Gerontologia	550507	6º
	Educação e Saúde em Gerontologia	190004	3º
Pedagogia - P	Ciências: Conteúdos e seu ensino	45011-1	7º
Química (Licenciatura) - Q	Introdução à Química Verde	7.245-1	6º

Fonte: Autoria própria.

A partir da seleção dos cursos, o principal critério de seleção dos participantes a serem entrevistados, foi o ano de ingresso na graduação, sendo preferível graduandos ou recém graduados que ingressaram até o ano de 2022, uma vez que deveriam ter concluído a maior parte do curso, passando pelo máximo de disciplinas possíveis, principalmente aquelas relacionadas ao objetivo da pesquisa.

Foi confeccionado e encaminhado aos participantes, um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), onde há informações pertinentes sobre a pesquisa. No início da entrevista os participantes foram convidados a dizer seu nome, idade, curso e ano de ingresso na graduação, para assim dar continuidade ao processo.

A coleta de dados acerca do projeto de pesquisa, foi realizada por meio de observações e entrevistas e, para sua análise, foi utilizada a metodologia de Análise Textual Discursiva (ATD), difundida por Moraes (2003), denominada como um movimento que possibilita novas compreensões, baseando-se na auto-organização. Trata-se de um modelo de análise qualitativa, onde os dados a serem analisados se encontram entre soluções propostas pela análise de conteúdo e análise discursiva.

A ATD é composta por processos constituídos de três elementos: a unitarização, na qual os textos do corpus são desconstruídos; a categorização, onde as unidades de sentido são

organizadas de acordo com suas relações, originando categorias; e, comunicação, que se trata da produção de metatextos, apresentando o emergente da pesquisa através de novas compreensões.

Dessa forma, o primeiro processo realizado foi a unitarização do material empírico obtido por meio das entrevistas individuais, tratando os dados a partir de uma transcrição selecionando os trechos mais importantes e que se relacionavam com o contexto da pesquisa. Foi construído o corpus, com o intuito de posteriormente sistematizá-lo em um texto mais coerente, a fim de dialogar com a literatura.

Por questões éticas, resolveu-se codificar o nome dos participantes conforme são apresentados durante essa monografia. A codificação utilizada para identificar os entrevistados, contou com as iniciais dos cursos, como por exemplo, “EdM” para Engenharia de Materiais e para Engenharia Mecânica, “EM”. Além disso, para identificarmos a questão, foi colocado na frente um número que vai de 1 a 8 (quantitativo de questões da entrevista semiestruturada), e utilizamos “US” como “unidade de significado”, que seriam fragmentos e recortes que julgamos relevantes para essa pesquisa.

Exemplo: IeS03US (Entrevistado da Imagem e Som, resposta da pergunta 03 e Unidade de Significado).

Após o processo de unitarização dos dados, o seguinte passo engloba a categorização, aspecto central de uma análise qualitativa, descrita e discutida no item “Apresentação e Análise dos Resultados”, uma vez que estamos tratando de categorias a posteriori, que são construídas a partir da análise e conhecimentos do pesquisador, dialogando com os objetivos da pesquisa. As categorias são constituídas pelos conjuntos de unidades de significado (US) que compartilham elementos semelhantes, sendo cada vez mais precisas e delimitadas, englobando questões importantes a serem analisadas no metatexto.

As categorias desta pesquisa são construídas a partir dos métodos indutivo e intuitivo, ou seja, são desenvolvidas através de informações obtidas no corpus, organizando as USs em conjuntos de elementos semelhantes após um processo de comparação e contrastação, baseando-se no conhecimento tácito do pesquisador, conforme descrito por Lincoln e Guba (1985). Assim, dá-se o nome de categorias emergentes, ou *a posteriori*, as categorias geradas por meio de processos que partem do particular e destinam-se ao geral.

Partindo das categorias formadas, dá-se início à terceira e última etapa da metodologia ATD: o metatexto. Entende-se por metatexto, um tipo de texto produzido por meio da análise textual qualitativa, a partir de um conjunto de textos ou documentos que descrevem ou

interpretam sentidos e significados que o pesquisador constrói ou elabora, baseando-se no corpus, buscando construir teses ou argumentos para cada uma das categorias, assim como um argumento ou tese para a análise como um todo. Para elaborar tais teses ou argumentos, é necessário que o pesquisador afaste-se dos materiais a serem analisados e dos produtos parciais já atingidos, procurando examinar o fenômeno a partir de um olhar abrangente, distante dos textos analisados.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para facilitar a organização e análise dos dados coletados, agrupamos as unidades de significado (US) em quatro categorias que serão aprofundadas ao longo do capítulo, sendo elas:

1. Percepções sobre a crise climática
2. Ecoansiedade: manifestações e impactos psicossociais
3. Formação e conscientização ambiental
4. Desafios e possíveis alternativas para conscientização

O objetivo foi analisar, a partir das entrevistas e observações, as percepções e perspectivas dos participantes com relação à crise climática e Educação Ambiental, levando em consideração também seus sentimentos e aspectos subjetivos, permitindo identificar possíveis lacunas a respeito da compreensão e conscientização sobre problemáticas ambientais.

5.1 PERCEPÇÕES SOBRE A CRISE CLIMÁTICA

Dando início às análises, nesta primeira categoria, são englobados alguns pontos como a observação da existência de uma crise climática, possíveis causas que podem ser associadas à problemática, além de sentimentos positivos ou negativos, diferentes perspectivas futuras, se existe uma sensação de desesperança, irreversibilidade, incerteza ou esperança frente ao atual cenário do país e do mundo.

Todos os dez participantes, sem exceção, mostraram-se conscientes sobre a crise climática que está ocorrendo no mundo, notando não somente ela, mas também outros problemas ambientais, como pode ser observado na seguinte fala: “Sim, eu percebo, é algo que está no dia a dia” (F01US1). Alguns deles relataram certa diferença nas estações do ano,

por exemplo, que não faz mais frio como antes, “[...] o clima e as estações do ano não existem mais” (IeS01US2). Tais observações também são citadas por J. Higham , X. Font , Jing Wu (2021), incluindo o aumento da concentração de gases de efeito estufa, o aumento da temperatura média da superfície terrestre, o recuo glacial desde a década de 1990, a mudança do nível do mar, entre outros.

Um ponto que também foi abordado na fala de alguns participantes, foi o fato de que “Parece que deixam pra falar disso quando realmente sai fora do controle, quando é grave... não tem uma conscientização anterior” (P03US6). Sendo assim, pode-se entender, através dos três recortes expostos, que a crise climática, mesmo que negada por muitos, tem se tornado presente no dia a dia e perceptível em pequenas mudanças que vêm ocorrendo ao longo dos anos, como um frio menos intenso, desastres naturais e outras questões ambientais que são cada vez mais comuns em noticiários.

Ainda na mesma pergunta, os participantes foram questionados sobre o que acreditavam ser as possíveis causas dessa crise climática e as respostas foram bastante convergentes, complementando-se, girando em torno de uma linha de pensamento: “Eu acredito que a nossa relação atual com a natureza é de abuso” (B03US1). Para além da urbanização e perda da vegetação, causas que são indicadas há alguns anos, principalmente em currículos escolares, foram citados aspectos muito mais profundos e delicados, os possíveis responsáveis, não as consequências visíveis.

“O sistema social e econômico que a gente vive, a superpopulação da Terra, que foi aumentando e tá em velocidade acelerada desde um tempo pra cá e o nosso próprio modo de vida” (GAAM01US5) são percepções que têm se feito presente na população, não pertencem mais somente a profissionais da área, a um nicho específico, muito provavelmente devido à comunicação facilitada atual, que permite maior acesso às informações.

A observação da relação de exploração da sociedade com a natureza também pode ser identificada na fala “Acho que há uma exploração desgovernada de recursos no planeta em relação ao desenvolvimento exacerbado do agronegócio, a falta de gestão de recursos juntamente com a falta de consciência ambiental, aparece também na escolha de governantes” (BT01US3). Nesse caso, os apontamentos são mais direcionados a fatores econômicos e políticos, que têm ganhado certa atenção nos últimos anos.

Apesar do desenvolvimento de políticas públicas, como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU (2025), constituídos por 17 objetivos que envolvem as principais problemáticas mundiais, tanto ambiental quanto social e econômica,

ainda parece um cenário distante da realidade, justamente porque nenhuma dessas três áreas é independente.

Em 2009, Foster, Clark e York discutiram sobre como a crise climática global já se encontrava em um estado crítico, sendo necessária uma revolução ecológica “na qual substituímos o sistema capitalista atual por um baseado na satisfação das necessidades humanas de forma sustentável, e não na promoção da acumulação de capital”, sendo que o principal fator responsável por tal situação é o sistema capitalista. Neste trabalho, criticam o “Efeito Midas”, que defende a conversão de valores ecológicos em valores econômicos, reforçando que seria necessário priorizar necessidades humanas e de sustentabilidade ao invés da acumulação de capital, o que condiz com as falas dos entrevistados.

Dentre os sentimentos expostos pelos participantes, nota-se que os sentimentos negativos sobressaem os positivos, sendo expressos pela maior parte deles, principalmente quando se trata de questões políticas, algo que talvez possa representar como a sociedade tem se sentido: “De verdade, eu sinto desesperança, acho que sou uma pessoa muito pessimista e desesperançosa em relação ao mundo. Acho que a gente tem uma perspectiva de vida muito capitalista e muito centrada no consumo, no bem-estar do eu” (F03US2).

Um cenário irreversível é visualizado pela maioria dos graduandos, como ressalta o seguinte trecho: “Acho que essas tentativas já não são suficientes, já não vão reverter, então acho que no futuro coisas vão estar sendo feitas, alguns países bem desenvolvidos vão estar planejando coisas, mas acho que não vai dar conta” (IeS03US5). O medo, a insegurança e o sentimento de impotência, reforçam a incerteza diante de todos esses acontecimentos, como expresso na fala: “Acho que sinto um receio, dá um medo de pensar como vai ser no futuro, penso nas pessoas mais vulneráveis, não sei pensar em como fazer algo mais significativo” (G02US7).

O artigo de São Pedro e Gonzalez (2025) destaca uma pesquisa publicada na revista científica *The Lancet Planetary Health*, em 2021, que a partir de uma entrevista com 10 mil pessoas, de 10 países, com idade entre 16 e 25 anos, mostrou que pelo menos metade do público infanto-juvenil demonstra emoções negativas em relação às crises climáticas, como medo, tristeza e ansiedade. Notou-se também, que quase metade dos entrevistados (45%) afirmaram ter seu dia a dia afetado de maneira significativa por esses sentimentos negativos decorrentes das alterações climáticas.

Um possível estímulo para que esses sentimentos estejam presentes na população, são os dados divulgados nos meios de comunicação, como o aumento da temperatura média

global, que no ano de 2024, ultrapassou 1,5°C, atingindo a marca de 1,6°C, tornando-se o ano mais quente desde meados do século XIX, conforme divulgado pelo relatório do Serviço Copernicus para as Alterações Climáticas (C3S, 2025). Informações como essa acabam causando a sensação de que a situação só vai piorar, como foi dito por um participante da área: “A gente sofre impacto direto e não tem como olhar pra esse tipo de coisa e pensar que é normal, então a gente que tem um pouquinho mais de consciência em relação ao que tá acontecendo, a gente sofre até mais” (BT02US1).

Mesmo com tantos dados e informações corroborando para um futuro catastrófico, alguns pequenos sinais de aproximação da sociedade com o meio ambiente têm aparecido, principalmente após a pandemia da COVID-19 que se iniciou em 2020. “Acho que a galera tá mais consciente, mas não sei o tipo de mudança que isso pode levar, não sei se é significativo” (G03US3), como ressaltado por uma graduanda, por mais que haja essa esperança e aproximação com a natureza, até que ponto nossas mudanças serão importantes para reverter ou minimizar esses efeitos? Observa-se um sentimento de incerteza.

Caminhando para uma perspectiva um pouco mais positiva, duas falas se destacaram durante a entrevista e que podem representar como uma parte da população, incluindo profissionais da área, pensam: “Eu acho que tem sim chances, janelas de acontecer, mas não a um ponto de retroceder toda essa crise climática” (GAAM03US4) e “Por outro lado também, que acho que é por conta do curso, da área que a gente tá, tem muita gente fazendo muita coisa, então dá uma esperança assim também de ‘tem o que fazer’, sempre tem o que fazer, em várias escalas e esferas, acredito que tudo na existência da vida é cíclico” (GAAM02US3). Nesse contexto, de acordo com São Pedro e Gonzalez (2025):

Estudiosos da ecoansiedade afirmam que o otimismo e a esperança realistas – isto é, quando não baseados em negação da realidade – estão entre os fatores que mais contribuem para a prática de comportamentos pró-ambientais. Nesse sentido, garantir que se mantenha uma perspectiva positiva no horizonte de possibilidades para o futuro é tarefa fundamental na luta contra a degradação ambiental (São Pedro e Gonzalez, 2025).

5.2 ECOANSIEDADE: MANIFESTAÇÕES E IMPACTOS PSICOSSOCIAIS

A partir dos dados coletados nesta pesquisa, constatou-se que a maior parte dos participantes desconhecia o termo Ecoansiedade. No entanto, após sua conceituação, parte dos entrevistados afirmaram já ter vivenciado esse estado emocional, enquanto outros afirmaram nunca ter experimentado tal sensação. Dentre os que já possuíam familiaridade com o termo, todos indicaram ter vivenciado a Ecoansiedade em algum momento, ainda que de forma não crônica.

Iniciando pelos participantes que desconheciam o termo, mas após serem apresentados a ele, afirmarem já ter compartilhado esses sentimentos, tivemos tanto relatos atuais, como “Causa insegurança. Eu fiquei bem ansiosa na época das queimadas, pensando que horas a gente ia entrar em pânico, ou entender que não é só mais um evento aleatório. Então causou muita ansiedade, desconforto, fiquei pensando no que ia acontecer, tanto com a natureza quanto com as pessoas passando mal” (Q04US6), como também relatos se referindo a um passado mais distante, como “Nunca ouvi esse termo, mas eu já senti um pouco quando era criança. Eu evito olhar o noticiário no geral assim, sobre outros assuntos também, porque gera um pouco de angústia, então acho que já senti um pouco sim” (G04US5).

Alguns participantes, que em outras perguntas mostraram-se pessimistas e desanimados em relação à crise climática, e não conheciam o termo, também transpareceram tal sentimento quando apresentados à Ecoansiedade, como podemos identificar nos seguintes trechos: “É uma perspectiva um pouco egoísta, mas eu acho que eu tava sobrevivendo e não pensava sobre isso, não me dava ansiedade, mas uma tristeza mesmo” (F04US3) e “Então se isso não está acontecendo com a gente agora, isso não existe, entende? Eu não me sinto nessa ansiedade de certa forma, pelo mundo estar acabando, até porque é um problema que está fora das minhas mãos, eu não consigo lidar, então tento simplesmente deixar de lado. E eu acho que a mídia faz muito isso com a gente, de tentar mascarar o que tá acontecendo” (B04US4).

Por fim, também tivemos aqueles que já conheciam o termo, a minoria dos entrevistados, e já se sentiram dessa forma, sendo profissionais da área. Relatos como “Acho que é basicamente você se tornar uma pessoa mais ansiosa e mais pessimista, porque você observa as mudanças climáticas. E sim, com certeza eu já me senti assim. Acho que é um sentimento até depreciativo, porque se você não consegue pensar num futuro, como você consegue investir no presente?” (BT04US2) retomam a ideia do pessimismo e irreversibilidade nos processos envolvendo crises ambientais.

Retomando os pontos discutidos no artigo de São Pedro e Gonzalez (2025), também foi apresentado um estudo publicado em 2022, envolvendo 250 estudantes de Ciências Biológicas, de seis diferentes universidades, mostrando que 94% são mentalmente afetados de alguma forma pelos problemas ambientais e quase dois terços relataram que ao estudar esses problemas e crises ambientais, pioram sua saúde mental em algum grau. Além disso, 84% se dizem pessimistas ou muito pessimistas em relação ao atual e futuro cenário envolvendo tais questões.

Na fala de um dos participantes “Eu acho que dá sim essa sensação de ansiedade em

relação à crise climática, acho que é uma possibilidade sentir isso, mas é momentaneamente, não acho que cheguei a sentir assim de forma crônica” (GAAm04US1), a presença da Ecoansiedade é reforçada, porém de uma maneira mais racional. Levando em consideração a área profissional mencionada, pode-se perceber que o acesso não se diz somente às informações problemáticas e catastróficas, mas também às possíveis soluções para enfrentar tais situações.

Entretanto, mesmo havendo uma maior reflexão nesse público, ao invés de apenas absorver a informação e não saber lidar com ela, nota-se dois extremos envolvidos, como pode ser observado nas falas elencadas: o lado pessimista, que não consegue enxergar uma melhora e conscientização por parte da população, pois vai muito além disso, e o lado que é otimista de uma maneira realista, que acredita na conscientização e em soluções plausíveis.

Pode-se observar também que, apesar de ser um termo desenvolvido recentemente, a Ecoansiedade é um sentimento e um estado psicológico presente há décadas na sociedade, que ainda se sabe muito pouco sobre, seguindo, portanto, em constante estudo. Assim como é apresentado pelo trabalho de Coffey et. al (2021):

Ecoansiedade é um conceito utilizado para compreender a relação entre as mudanças climáticas e a ansiedade associada às percepções sobre os impactos negativos das mudanças climáticas. As evidências sugerem que maior clareza e desenvolvimento teórico do conceito são necessários para avançar na compreensão conceitual da ecoansiedade (Coffey et. Al, 2021).

5.3 FORMAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL

Esta categoria engloba questões sobre a Educação Ambiental sendo trabalhada no currículo escolar, o modo como é abordada no Ensino Superior e sua importância para a formação profissional. Além disso, também foi abordada a questão da conscientização e meios pelos quais os entrevistados se informam acerca do tema para, enfim, dirigir-se a possíveis caminhos para a conscientização, incluindo a Educação nessa discussão.

Quando questionados sobre a forma com que obtém as informações sobre crise climática e assuntos da temática, a totalidade dos entrevistados respondeu que se dá por meio da internet, seja por perfis do Instagram, sites ou aplicativos de noticiários, podcasts, newsletters, entre outros, como por exemplo: “Eu acho que principalmente, sendo bem sincera, nas redes sociais, que é onde a gente passa a maior parte do tempo, então tem algumas contas de Instagram que eu sigo, tipo Planeta Pós Pandemia que é de um amigo meu, ou em jornais, podcasts. Tem um que eu gosto, que sempre leio de manhã, que é o The News, que chega no meu e-mail, que não é só ambiental, é econômico, social, então às vezes tem notícia ambiental que acontece bastante e acho que jornal assim, CNN” (GAAm05US2).

Nas últimas décadas o desenvolvimento e crescimento da internet tem resultado em uma grande disponibilidade de informações de fácil acesso, sejam elas verídicas ou falsas, positivas ou negativas. Nos últimos anos tem crescido o número de pessoas denominadas ‘influencers’, que alcançam um público muito grande com suas postagens e compartilhamentos, algo extremamente interessante para uma possível conscientização populacional sobre questões ambientais, que inclusive foi citada em alguns momentos da entrevista.

No trecho “É muito importante a gente se manter consciente do que está acontecendo ao nosso redor e a condição climática hoje em dia é algo inegável, que não dá pra ser ignorado. Então quanto mais consciência você tiver, acredito que seja o passo principal pra gente talvez tentar reverter a situação” (BT07US1), reforça-se sobre o quanto a conscientização é importante e, em conjunto com o parágrafo anterior, como a internet poderia ajudar com essa ação, para alcançar o maior público possível.

Como apresentado por Aparecida Silva de Aquino e Iared (2023), a Educação Ambiental foi oficialmente incorporada ao currículo escolar no ano de 1998, com a adoção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Contudo, com a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017, sua presença foi reduzida a nível de rodapé, uma simples menção. Tal fato é reforçado em algumas falas, como: “Creio que foi no ensino fundamental, lembro que a gente fazia algumas atividades de conscientização, tinha palestras com ambientalistas, pessoas do ramo de políticas ambientais” (EM06US1) e “Na escola a gente tem contato em ciências, em biologia no ensino médio, mas acho que nunca foi algo realmente focado em questões climáticas, essa parte do meio ambiente eram coisas mais superficiais” (P06US2).

Os participantes foram convidados a contar como a temática ambiental é abordada em seus respectivos cursos e, em sua grande maioria, não ocorre como deveria e gostariam. Em todas as falas foram realizadas críticas a respeito da ausência ou pouca quantidade de disciplinas e espaços onde caberiam discussões acerca do tema, mas que não foram feitas, como no seguinte trecho: “Olha, é bem escassa essa parte na Engenharia Mecânica, eu acho que a gente só tem uma matéria que lida com isso de forma direta, que é ‘Materiais e Ambiente’, então lá a gente vê alguns processos que acabam gerando algum tipo de poluição, como podemos contornar isso, mas é uma matéria de 2 créditos só em um curso de 10 semestres, então acho que é muito irrisório, logo nos primeiros semestres” (EM07US7).

Nesse aspecto, nota-se uma diferença até mesmo entre cursos da mesma área, como

Gestão e Análise Ambiental e Biologia, como presente nas seguintes falas: “Com certeza, porque basicamente é quase que nosso curso integral sobre essas temáticas e quanto mais conhecimento a gente tiver sobre isso, melhor, porque vai ser a nossa formação, a nossa profissão” (GAAM07US6). “Eu sinto que é algo que é muito discutido pontualmente, não sinto que é algo constante. Acredito que os professores deveriam pontuar um pouco mais do que eles pontuam, eles entendem que isso é um conhecimento básico que já deveria estar na gente e eles não se aprofundam” (B07US8).

Há uma notável contradição quando em um curso a Educação Ambiental é trabalhada incessantemente, sob diversos aspectos e perspectivas, enquanto no outro não há essa exploração de conhecimentos e aprendizados. Se tal ocorrência é observada em cursos que são da área ambiental, como é nos outros que não possuem esse eixo como o centro? Este ponto de vista também foi citado pelo entrevistado do curso de Pedagogia: “No curso de pedagogia a gente tem uma disciplina que chama ‘Ciências: conteúdos e seus ensinós’, mas a gente não vê muito sobre questões climáticas, a gente vê mais sobre como trabalhar ciência na educação com crianças”; “Eu acho que seria, principalmente porque a gente tá se formando pra ser professor né, independente da faixa etária, a gente tem que saber levar isso, saber trabalhar, porque é muito importante saber o que acontece no mundo” (P07US4).

Em relação aos cursos da área da saúde, o único que apresentava disciplinas com temáticas ambientais no currículo era a Gerontologia, que teve a importância de tal abordagem enfatizada na fala do participante: “Lembrei de uma disciplina que é obrigatória, ‘Controle de resíduos’, com uma professora da Gestão Ambiental, então a gente trabalha muito isso, nessa específica a gente fez uma visita no HU pra ver como eles controlam os resíduos deles, o lixo todo e isso é muito importante, a gente como profissional da saúde saber isso, toda a questão de descarte, armazenamento, a gente não tem noção disso” (G07US2).

A partir dessas observações, entende-se que os estudantes reconhecem a importância de disciplinas e de momentos onde a Educação Ambiental é trabalhada no curso, podendo moldar-se a cada um deles, a fim de se aproximar da realidade do profissional a ser formado, auxiliando-o no futuro. A questão é como fazer com que as instituições de Ensino Superior reconheçam tal lacuna e trabalhem para que haja uma formação de qualidade e atualizada dos futuros profissionais que ali serão formados.

Em sua dissertação, que tinha como objetivo verificar a percepção de licenciandos em Ciências Biológicas sobre a ambientalização do currículo em uma instituição de ensino superior, Silva (2014) encontrou em suas análises que, embora a instituição tenha trabalhado

para uma ambientalização curricular, os graduandos não a notam de uma maneira mais efetiva em suas atividades e vivências acadêmicas. Os estudantes também falam sobre a questão de somente serem abordadas questões de biodiversidade e conservação, ressaltando a carência de aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e éticos.

Levando em consideração as falas e os pontos abordados pelos entrevistados, alguns deles sugeriram possíveis caminhos para a conscientização da população, como políticas públicas de incentivo, por exemplo: “Primeiro incentivar essas mudanças nas gerações mais velhas pode ser um incentivo composto, com alguma ação pública, algo do tipo” (EdM08US1).

Uma possível solução muito citada pelos graduandos gira em torno da Educação, seja ela no Ensino Fundamental, Médio ou Superior, além de buscar deixar as informações mais acessíveis: “Acho que ter mais informações acessíveis e não deixar pra falar sobre as coisas quando já estiver no extremo. Então falar mais sobre isso, abordar nas universidades, em cursos mesmo que não seja da área ambiental, porque em todo lugar isso é presente” (P08US6).

Há reconhecimento por parte dos entrevistados, da necessidade de implementar a Educação Ambiental nas instituições de ensino e sua associação à política, que pode ser representado pela seguinte fala: “Eu acho sinceramente que o que devia acontecer é os líderes políticos levarem a sério, colocarem matérias nas escolas sobre tudo isso pra todas as crianças que nascerem já nascerem preocupadas em fazer alguma coisa e tomar medidas políticas que ajudem em alguma coisa, mas não é do interesse do capitalismo que isso pare” (IeS08US5).

Sendo assim, a ideia principal expostas pelos participantes, gira em torno da divulgação científica para fins de conscientização, utilizando de abordagens relacionadas à Educação Ambiental, para aproximar o público da realidade e problemática a ser discutida, como representa a seguinte fala: “Eu vejo um dos caminhos sendo a conscientização, enquanto aquilo não fizer sentido pra pessoa, ela vai só ignorar, então pra ter essa conscientização, precisa de uma divulgação científica, tem que ter um contato da academia com a população geral” (F08US2).

5.4 DESAFIOS E POSSÍVEIS ALTERNATIVAS PARA CONSCIENTIZAÇÃO

A presente categoria se relaciona diretamente com a anterior, uma vez que os participantes, ao discorrerem sobre como as temáticas ambientais são abordadas em seus cursos de graduação, as dificuldades e problemáticas que enfrentam, já sugeriram algumas possíveis mudanças e o que gostariam que fosse modificado sobre o assunto em suas grades

curriculares, além de outras soluções mais gerais.

Apresentando primeiro as dificuldades citadas pela maioria deles, três aspectos foram muito citados, incluindo problemáticas envolvendo questões políticas: “Eu não acho que tem o que fazer mais, porque sinceramente eu não acho que vá acontecer uma grande mudança de sistema econômico mundial do nada, não vai ter evolução, por mais que a gente queira e os políticos não vão parar de se preocupar com outras coisas” (IeS08US07), o sentimento de irrelevância ou algo que está distante de acontecer: “Vejo que o pessoal anda meio desesperançoso, não sei, acho que tá todo mundo alienado, que a galera não enxerga esse tipo de coisa, não vê como algo relevante” (B08US4) e, a crença de uma sustentabilidade complexa:

Eu acho que a maior dificuldade hoje é essa visão segregada que as pessoas tem e isso acaba levando a uma falta de interesse. Tentar colocar a sustentabilidade em pequenos lugares e coisinhas do dia a dia assim, que vai plantar uma sementinha nas pessoas de uma forma leve, pra que não fique algo maçante, mostrar que não precisa ser esse monstro. Então eu sou muito mais da abordagem de tentar passar isso de uma forma que realmente faça diferença para as pessoas que não aceitam isso bem (GAAm08US3).

Seguindo a linha de raciocínio, partindo das possíveis problemáticas observadas, algumas sugestões também foram elencadas pelos entrevistados, como sendo possíveis soluções para melhorar o alcance da conscientização e da Educação Ambiental, seja dentro da grade curricular do seu curso ou no âmbito geral.

O participante do curso Imagem e Som, que não possui nenhuma disciplina obrigatória sobre Educação Ambiental, apenas uma optativa, pontuou que: “Eu acho que seria muito importante ter algo obrigatório no curso sobre sustentabilidade e eu acho que isso devia acontecer em qualquer curso que trabalha de modo físico, algo sobre como fazer um set de filmagem o mais ecológico possível, como não desperdiçar kg de papel em roteiro... uma matéria pra nos ensinar a como gravar filmes de uma maneira sustentável, seja quantidade de papel, luzes, equipamentos, como descartar lixo eletrônico, no caso uma câmera que você não vai mais usar, um cabo” (IeS07US3).

Apesar de ser um curso que tenha uma disciplina obrigatória abordando questões ambientais, além de uma optativa, o entrevistado da Engenharia Mecânica, por acreditar ser importante para a formação profissional, sugeriu: “Eu acho que seria muito interessante colocar essas matérias, especialmente pra sempre lembrar o profissional ali, durante a graduação, que ele vai ter que lidar com essas coisas, que existem esses problemas que precisam ser solucionados” (EM07US9).

Por fim, até mesmo nos cursos que são da área ambiental, ainda pode-se acrescentar mais abordagens a serem trabalhadas durante o curso, talvez utilizando diferentes métodos, como expõe o graduando de Gestão e Análise Ambiental, algo que relacione a teoria com o mercado de trabalho: “Acho que seria muito interessante se tivesse essa integração na universidade, não só pro lado ambiental, mas pros outros lados também, que interligue alguns cursos que sejam interessantes de conversar” (GAAm07US5).

Em suma, foi encontrado ao longo das análises que os participantes demonstram-se conscientes sobre a crise climática e suas causas estruturais - como o modelo econômico predatório e rasas ações políticas - expressando predominância de sentimentos negativos, como desesperança e incerteza, diante da percepção de um cenário irreversível. Apesar disso, alguns destacam a importância do otimismo realista e da ação coletiva. Quanto à formação acadêmica, identificou-se uma abordagem insuficiente da temática ambiental, mesmo em cursos da área, com foco restrito a aspectos conservacionistas e negligência às dimensões sociopolíticas. Como alternativas, os entrevistados sugeriram a integração transversal da Educação Ambiental nos currículos, políticas públicas efetivas e divulgação científica acessível, apontando desafios como a alienação social e a complexidade de implementar práticas sustentáveis. Os resultados evidenciam a urgência de repensar a ambientalização curricular como processo multidimensional, capaz de articular formação crítica, soluções práticas e engajamento coletivo frente à crise climática.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, ao analisar as percepções e perspectivas de graduandos da UFSCar sobre a crise climática e a Educação Ambiental, buscou explorar também seus sentimentos e aspectos subjetivos relacionados ao tema. Ao utilizar como metodologia a Análise Textual Discursiva (ATD), pôde-se distribuir e organizar os dados obtidos por meio de entrevistas, em quatro categorias principais, onde os resultados evidenciaram uma consciência generalizada sobre a gravidade da crise climática, constituída em sua maioria por sentimentos de desesperança e incerteza, além de indicar possíveis lacunas na formação acadêmica dos participantes em relação às questões ambientais.

Um aspecto citado no decorrer da pesquisa e que merece maior aprofundamento em estudos futuros é a Ecoansiedade, um tema ainda pouco conhecido pela maioria dos entrevistados, mas que se mostrou presente em suas experiências. Como destacado no artigo de São Pedro e Gonzalez (2025), esse fenômeno psicológico demanda atenção, pois afeta não

apenas a saúde mental, mas também a disposição para ações pró-ambientais. Apesar de não ser o eixo principal desta pesquisa, a recorrência de relatos sobre ansiedade e angústia nas falas dos participantes diante das mudanças climáticas, sugere que é um campo emergente, que merece ser explorado com maior rigor teórico e metodológico.

Outro ponto que não foi discutido profundamente neste trabalho, mas que mostra-se relevante, é a análise dos currículos universitários. É importante citar que alguns currículos de cursos da graduação da UFSCar estão passando por um processo de reformulação. A ambientalização curricular ainda é incipiente em muitos cursos, e seria interessante acompanhar como as novas diretrizes irão incorporar as demandas ambientais contemporâneas, de que maneira a universidade responderá às urgências ambientais. Apesar de não ter sido realizada uma análise documental aprofundada, as falas dos participantes indicam uma desconexão entre a formação oferecida e os desafios socioambientais atuais, reforçando a necessidade de revisões pedagógicas, para uma melhor preparação profissional.

Quanto às dificuldades metodológicas, a pesquisa enfrentou desafios na coleta e sistematização dos dados, especialmente na categorização das unidades de significado (US) e na organização das falas. A análise textual demanda tempo e rigor para garantir que as interpretações sejam fiéis aos discursos dos participantes, o que exige do pesquisador um planejamento minucioso desde as etapas iniciais e, por se tratar de uma análise qualitativa, vale ressaltar que também houve dificuldade na subjetividade inerente aos discursos. No entanto, esses obstáculos foram fundamentais para o amadurecimento da pesquisa, evidenciando a importância de métodos qualitativos bem estruturados para capturar a complexidade das percepções humanas.

Em síntese, os resultados indicaram que, embora haja uma consciência e reconhecimento acerca da crise climática entre os graduandos, apresenta-se de forma desigual, alternando entre preocupação e paralisia diante da complexidade do problema, sinalizando fissuras entre o saber e o agir. A Educação Ambiental surge como um caminho central para a conscientização, mas sua implementação no Ensino Superior ainda é desigual e, muitas vezes, superficial. Este estudo não contempla todas as discussões sobre o tema, podendo abrir espaço para investigações futuras, especialmente no que diz respeito à formação docente, às políticas institucionais e aos impactos psicossociais das mudanças climáticas. A crise ambiental é um fenômeno multidimensional, e enfrentá-la exige, acima de tudo, uma transformação profunda na maneira como educamos, compreendemos e vivemos.

semestre-de-2024/. Acesso em: 18 out. 2024.

CNN BRASIL. **Pesquisador explica à CNN causas e efeitos das queimadas no Amazonas**. 12/09/2024. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pesquisador-explica-a-cnn-causas-e-efeitos-da-s-queimadas-no-amazonas/>. Acesso em: 18 out. 2024.

COFFEY, Yumiko; BHULLAR, Navjot; DURKIN, Joanne; ISLAM, et al. Understanding eco-anxiety: a systematic scoping review of the current literature and identified knowledge gaps. *The Journal of Climate Change and Health*, v. 3, p. 100047, ago. 2021. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2667278221000444>. Acesso em: 25 mar. 2025.

COPERNICUS CLIMATE CHANGE SERVICE. Global climate highlights 2024. [S.l.]: C3S, 2024. Disponível em: <https://climate.copernicus.eu/global-climate-highlights-2024>. Acesso em: 30 jan. 2025.

DA COSTA, Lidiane; GOMES, Andreza. CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL. **Revista Areté | Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, [S.l.], v. 8, n. 17, p. 128-141, maio 2017. ISSN 1984-7505. Disponível em: <https://periodicos.uea.edu.br/index.php/arete/article/view/185>. Acesso em: 27 abr. 2025.

FOSTER, J.; CLARK, B.; YORK, R. O Efeito Midas: Uma Crítica da Economia das Mudanças Climáticas. *Desenvolvimento e Mudança*, v. 40, p. 1085-1097, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-7660.2009.01613.x>. Acesso em: 19 mar. 2025.

FARIAS, Carmen Roselaine de Oliveira; FREITAS, Denise de. **Educação Ambiental e relações CTS: uma perspectiva integradora**. *Ciência & Ensino*, v. 1, número especial, novembro de 2007. Acesso em: 11 set. 2024.

GREEN CLIMATE FUND. Annual Report 2023. Songdo: GCF, 2023. Disponível em:

<https://www.greenclimate.fund/annual-report/2023>. Acesso em: 12 dez. 2024.

GUARDIAN. Why the Guardian is changing the language it uses about the environment. 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/environment/2019/may/17/why-the-guardian-is-changing-the-language-it-uses-about-the-environment>. Acesso em: 12 dez. 2024.

HIGHAM, James; FONT, Xavier; WU, Jing. Código vermelho para o turismo sustentável. *Journal of Sustainable Tourism*, v. 30, p. 1-13, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09669582.2022.2008128>. Acesso em: 23 mar. 2025.

IPBES. Global assessment report on biodiversity and ecosystem services. Bonn: IPBES Secretariat, 2019. Disponível em: <https://ipbes.net/global-assessment>. Acesso em: 02 mai. 2025.

IPCC. Climate Change 2023: Synthesis Report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Geneva: IPCC, 2023. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/>. Acesso em: 02 mai. 2025.

JANKE, Nadja; TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Produção coletiva de conhecimentos sobre qualidade de vida: por uma educação ambiental participativa e emancipatória**. *Ciência & Educação*, v. 14, n.1, p. 147-157, 2008. Acesso em 30 abr. 2025.

LAYRARGUES, P. P.; PUGGIAN, Cleonice. **A Educação Ambiental que se aprende na luta com os movimentos sociais: defendendo o território e resistindo contra o desenvolvimento capitalista**. *Pesquisa em Educação Ambiental*, vol. 13, n. 1 - pags. 131-153, 2018. Acesso em: 22 nov. 2024.

LAYRARGUES, P. P. Resolução de problemas Ambientais: tema gerador ou atividade-fim da Educação Ambiental. **SIMPÓSIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**, p. 114-118, 1997. Acesso em: 22 nov. 2024.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. Acesso em: 04 dez. 2024.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual

discursiva. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SJKF5m97DHykhL5pM5tXzdzj/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 03 jan. 2025.

ONU Brasil. Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. Nações Unidas Brasil, s.d. Disponível em: brasil.un.org/pt-br/sdgs.

Acesso em: 02 mai. 2025.

PIVETTA, Marcos. 2024 foi o primeiro ano com aquecimento global acima de 1,5 °C. *Revista Pesquisa FAPESP*, São Paulo, 9 fev. 2025. Disponível em: revistapesquisa.fapesp.br/2024-foi-o-primeiro-ano-com-aquecimento-global-acima-de-15-c/.

Acesso em: 14 fev. 2025.

SÃO PEDRO, Vinícius de Avelar; GONZALEZ, Danielle. Ecoansiedade como resposta à crise ambiental. *Ciência Hoje*, São Paulo, ed. 420, maio 2025. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/ecoansiedade-como-resposta-a-crise-ambiental/>. Acesso em:

26 mai. 2025.

SILVA, Mariana Dias da. A ambientalização curricular no curso de formação de professores de Ciências e Biologia na percepção dos licenciandos. 2014. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/items/d06e4ada-0c59-4921-aa34-734c7d2d71bf>. Acesso em: 21 fev. 2025.

UNEP. *Emissions Gap Report 2023: Broken Record - Temperatures hit new highs, yet world fails to cut emissions (again)*. Nairobi: United Nations Environment Programme, 2023. Disponível em: <https://www.unep.org/resources/emissions-gap-report-2023>. Acesso em: 02 mai. 2025.

WORLD RESOURCES INSTITUTE. *State of Climate Action 2022*. Washington, DC: WRI, 2022. Disponível em: <https://www.wri.org/research/state-climate-action-2022>. Acesso em: 02 mai. 2025.

APÊNDICE I

Foram elaboradas oito perguntas para obtenção dos dados, listadas abaixo:

1. Você percebe/tem ciência de que estamos passando por uma crise climática? Tem ideia das causas desse problema?
2. Como você se sente em relação à crise climática que vêm acontecendo ao passar dos anos?
3. Qual sua visão/perspectiva para os próximos anos, sobre a relação da sociedade atual com a natureza?
4. Você conhece o termo Ecoansiedade? Se já ouviu falar, acredita que alguma vez na vida já se sentiu dessa maneira?
5. Onde você costuma se informar sobre essas questões/assuntos?
6. Qual seu primeiro contato com a temática ambiental?
7. Essas temáticas foram discutidas de alguma forma durante seu curso de graduação? Seja palestras, workshops, cursos... Você acha que disciplinas sobre meio ambiente seriam importantes dentro do currículo do seu curso? Por quê?
8. Hoje, como estudante de X (graduação), o que sente que falta para que a sociedade tenha mais consciência sobre as crises climáticas e questões ambientais?